

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

A PERCEPÇÃO DA INOVAÇÃO EM INTERNACIONALIZAÇÃO EM CASA EM UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS

Claudia Rodrigues Murta, José Celso Junior, Valeska Virgínia Soares Souza

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.13741>

Submetido em: 2025-10-13

Postado em: 2025-11-03 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

A moderação deste preprint recebeu o(s) endosso(s) de:

- Ana Cristina Biondo Salomão (ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1531-8551>)

A PERCEPÇÃO DA INOVAÇÃO EM INTERNACIONALIZAÇÃO EM CASA EM UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS

THE PERCEPTION OF INNOVATION IN INTERNATIONALIZATION AT HOME IN BRAZILIAN PUBLIC UNIVERSITIES

Relato de Pesquisa

José Celso Freire Junior

Doutor em Ciência da Computação pela Université Grenoble Alpes, França. Departamento de Engenharia Elétrica, Faculdade de Engenharia e Ciências de Guaratinguetá, Unesp Guaratinguetá-SP, e-mail: jose-celso.freire@unesp.br <https://orcid.org/0000-0002-2519-9808> "Contribuição de autoria" Conceitualização, investigação e análise formal.

Valeska Virgínia Soares Souza

Pós-doutora pela Universidade Estadual Paulista – Unesp, Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG, e-mail: valeskasouza@ufu.br <https://orcid.org/0000-0001-5419-9308> "Contribuição de autoria" Conceitualização, investigação, análise formal e escrita.

Claudia Almeida Rodrigues Murta

Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia, Centro de Educação Profissional da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba-MG e-mail: claudia.murta@uftm.edu.br

<https://orcid.org/0000-0002-2735-2255> "Contribuição de autoria" Escrita, revisão e edição.

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo mapear práticas inovadoras de internacionalização em casa na perspectiva de *stakeholders* da internacionalização da Educação Superior brasileira. A partir da premissa de Filippetti, Frenz e Ietto-Gillies (2011, p. 439) que argumentam que “a conexão entre inovação e internacionalização tem uma forte base teórica”, se definiu a possibilidade de explorar o contexto brasileiro para encontrar ações inovadoras de internacionalização consideradas como melhores práticas. O texto considera também a premissa de Buckner e Stein (2020, p. 163) que defendem que é complexo indicar melhores práticas para a internacionalização. A luz desses dois olhares, se demonstrou, a partir dos dados coletados, que não se trata exatamente de melhores práticas, mas das práticas possíveis, as que fazem sentido institucionalmente e que apresentam um deslocamento necessário no que se concebe como processo de internacionalização. Trata-se de um estudo robusto que envolveu 70 instituições de ensino superior públicas, estaduais e federais, localizadas em 23 estados brasileiros. A análise feita foi majoritariamente qualitativa, tendo vínculo com as diretorias de relações internacionais das instituições participantes, responsáveis pelos escritórios de relações internacionais dessas instituições, docentes, técnicos administrativos e membros dos escritórios. Eles responderam a um questionário semiestruturado que incluiu questões relacionadas às concepções institucionais acerca de inovação e a práticas inovadoras de internacionalização em casa. A análise deste trabalho pode contribuir para o planejamento de curto e longo prazo que diversas instituições de ensino superior brasileiras devem desenvolver para avançar em seus processos de internacionalização.

PALAVRAS-CHAVE: Internacionalização em casa. Inovação. Educação Superior

ABSTRACT: This study aims to map innovative internalization at home practices from the perspectives of stakeholders involved in Brazilian Higher Education. Based on the premise of Filippetti, Frenz, and Ietto-Gillies (2011, p. 439), who argue that "the connection between innovation and internationalization has a strong theoretical basis," the study explored the possibility of exploring the Brazilian context to identify innovative internationalization actions considered best practices. The text also considers the premise of Buckner and Stein (2020, p. 163), who argue that identifying best practices for internationalization is a complex process. In light of these two perspectives, the data collected demonstrate that these are not exactly best practices, but rather possible practices that make institutional sense and represent a necessary shift in the internationalization process. This is a robust study involving 70 public, state, and federal higher education institutions located in 23 Brazilian states. The analysis was primarily qualitative, involving the international relations directorates of the participating institutions, as well as the heads of international relations offices, faculty, administrative staff, and office staff. They responded to a semi-structured questionnaire that included questions related to institutional concepts of innovation and innovative internationalization practices within their own institutions. This analysis can contribute to the short- and long-term planning that several Brazilian higher education institutions should develop to advance their internationalization processes.

KEYWORDS: Internationalization at home. Innovation. Higher Education.

RESUMO PARA NÃO ESPECIALISTAS: Este trabalho é fruto de uma pesquisa que teve como objetivo mapear práticas inovadoras de internacionalização em casa, termo usado para se referir ao processo de internacionalização curricular numa perspectiva intercultural e internacional dentro do ambiente de aprendizagem doméstico, na perspectiva dos envolvidos na internacionalização da educação superior brasileira. A investigação partiu das premissas de que a internacionalização é um processo conectado com a inovação e procurou entender e mapear as práticas de internacionalização possíveis, aquelas que fazem sentido e respondem às demandas das instituições de ensino superior. O estudo envolveu 70 instituições de ensino superior públicas, estaduais e federais, localizadas em 23 estados brasileiros diferentes. A análise dos dados foi majoritariamente qualitativa, os dados foram coletados por meio de questionários semiestruturados que incluíram questões relacionadas às concepções institucionais acerca de inovação e das práticas inovadoras de internacionalização em casa respondidos pelas diretorias de relações internacionais das instituições participantes, pelos responsáveis pelos escritórios de relações internacionais dessas instituições, por docentes, por técnicos administrativos e por membros dos escritórios. A análise deste trabalho pode contribuir para o planejamento de curto e longo prazo que diversas instituições de ensino superior brasileiras devem desenvolver para avançar em seus processos de internacionalização.

Introdução

As inúmeras possibilidades de internacionalização para além da mobilidade internacional docente e discente têm sido subvalorizadas e isso é algo que demanda mudanças. Uma das inúmeras autoras que tem explorado esta possibilidade de múltiplos caminhos é Knight (2020, p. 8), que questiona “para onde nos levará a bifurcação da compreensão de internacio-

nalização como um processo envolvendo mobilidade entre países e a atual ênfase na internacionalização em casa?” É exatamente neste processo de internacionalização em casa que este estudo se posiciona.

A definição mais recorrente de internacionalização em casa (IaH¹) foi apresentada por Beelen e Jones (2015) como: “integração intencional das dimensões internacional e intercultural no currículo formal e informal para todos os estudantes dentro dos ambientes de aprendizagem domésticos”. Gomes e Guerra (2018, p. 43) também definem IaH, como “influência da internacionalização no âmbito interno dos países, a qual pode se manifestar de diversas formas, como, por exemplo, por meio da internacionalização do currículo, a visita de professores internacionais e a presença da população estudantil no campus”. No contexto brasileiro, às propriedades típicas da IaH, Baranzeli (2019) acrescenta algumas proposições:

1. Utilização de literatura estrangeira relacionada ao contexto nacional;
2. Compartilhamento do conhecimento de estudantes que fizeram mobilidade;
3. Palestrantes e convidados, locais e internacionais, compartilhando experiências internacionais;
4. Utilização de vídeos com pessoas de outras localidades.

Santos e Reis (2020), outros dois autores brasileiros, também fazem uma reflexão sobre a IaH no processo de ensino-aprendizagem na educação superior.

A IaH precisa, pouco a pouco, ir se incorporando no repertório de conhecimento dos professores e das instituições para que as suas práticas pedagógicas possam ir construindo uma identidade internacionalizada e que sua ação docente seja voltada à formação de um estudante local, com reconhecimento das possibilidades e potencialidades do internacional e global, para a sua formação humana e principalmente para o seu pleno exercício da cidadania (Santos; Reis, 2020, p. 26).

Assim, uma reflexão sobre o tipo de internacionalização possível, aparentemente, conduz à conclusão sobre a importância de nos distanciarmos de uma visão reducionista de internacionalização como sinônimo de mobilidade física, ou seja, internacionalização transfronteiriça. Esta reflexão vai ao encontro da afirmação de Hudzik (2015, p. 13) que nos lembra que "embora nem todos possam estudar no exterior, a massificação do aprendizado internacional pode ocorrer 'em casa' através da internacionalização do currículo no campus e via Internet". É, portanto, no contexto de crescimento cada vez maior da importância da IaH que este capítulo apresenta resultados de um estudo que faz uma análise a partir de uma pesquisa de mapeamento de práticas inovadoras de internacionalização em casa, na perspectiva de *stakeholders* da internacionalização da Educação Superior brasileira.

¹ Internationalization at Home – IaH, será a abreviação usada ao longo do texto.

A análise feita considera duas premissas, a de Filippetti, Frenz e Ietto-Gillies (2011, p. 439) que argumentam que “a conexão entre inovação e internacionalização tem uma forte base teórica”, argumento que parece válido para o contexto da Educação Superior, e a de Buckner e Stein (2020, p. 163) que defendem que é complexo indicar melhores práticas para a internacionalização.

Os primeiros assumem, em sua pesquisa sobre ambientes corporativos, tendo países europeus como unidade de análise, que a correlação entre inovação e internacionalização é indicativa de causalidade, mesmo não tendo conseguido dados robustos para definir a direção dessa causalidade. Eles defendem que se um país é altamente internacionalizado, é provável que tenha um desempenho alto de inovação, e vice-versa. A partir desta premissa, se estabeleceu a possibilidade de explorar o contexto brasileiro para encontrar ações inovadoras de internacionalização consideradas como melhores práticas, mais especificamente, aquelas relacionadas à Educação Superior.

Já as autoras da segunda premissa elaboram a afirmação, de que não há uma “melhor” abordagem para a internacionalização, mas que esforços coletivos, criticamente informados, para mapear, examinar e contextualizar diferentes ações que levem à internacionalização, podem equipar *stakeholders* com uma compreensão aprofundada para agir em prol da internacionalização. Indo ao encontro da afirmação dessas autoras, se entende também que não é necessário rotular as iniciativas como melhores ou piores.

Para explorar as diferentes abordagens presentes nas Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras, o estudo apresentado neste capítulo foi desenvolvido. A partir dele é possível ter um panorama de como se estão desenvolvendo os processos de IaH no Brasil. Os dados da pesquisa confirmam que não são exatamente as melhores práticas, são as práticas possíveis, as que fazem sentido institucionalmente e que apresentam um deslocamento necessário no que se concebe como processo de internacionalização.

O texto proposto navega, portanto, num mar de possibilidades e dados. Para explorá-los, após esta introdução, se apresentará uma fundamentação teórica que dá suporte às análises realizadas. Na sequência, se apresentará a metodologia utilizada no estudo. Uma análise de parte dos dados coletados seguirá, antes que algumas considerações sobre o estudo e resultados finalize o capítulo.

Conforme se poderá observar, as informações apresentadas contribuem de forma concreta para uma análise das ações em curso e para o planejamento de curto e longo prazo que as IES devem desenvolver para avançar em seus processos de internacionalização.

1. Fundamentação Teórica

Esta seção se inicia com a contextualização da noção de inovação. Na sequência, se aborda os relacionamentos entre este contexto e internacionalização e se explora este último conceito fundamental na temática abordada no capítulo.

1.1 Inovação

O termo inovação vem do verbo inovar, definido em dicionários de português com duas acepções: 1) introduzir novidades em; 2) produzir ou tornar algo novo; renovar; restaurar. Etimologicamente, inovação deriva do latim *innovare*, “renovar, mudar”, palavra composta por IN – “em” mais NOVUS – “novo, recente”. Por mais que pareça que o significado seja simplesmente de incorporar novidade, queremos trazer um olhar para o fato de que ao acrescentar como sufixo o termo AÇÃO, na etimologia, “movimento”, a palavra ganha um contorno dinâmico, que se alinha a ações processuais importantes para o desenvolvimento da sociedade.

A área de administração e de negócios abriga a maioria dos grandes pensadores contemporâneos da inovação, compreendida nesse campo como motor do crescimento econômico. Economistas, cientistas políticos, administradores e outros pesquisadores da área estudam teórica e empiricamente inovações tecnológicas, digitais ou não, de produtos e de processos. Inovar se coloca como uma prioridade para várias instituições de mercado, considerando que as inovações podem gerar vantagens competitivas a médio e a longo prazo.

Gibson (2015) defende a importância do planejamento e da sistematização para o processo inovador, mas confessa que o acaso pode ainda ter um papel que determina o que é concebido como inovação. Para o autor, “mesmo que às vezes pareça como se as ideias surgissem em nossas cabeças, estamos agora começando a entender que há muito mais envolvido no processo” (Gibson, 2015, p. 204). “Nossas mentes realmente as constroem a partir de uma cadeia única de associações e conexões, às vezes durante um período de tempo considerável” (p. 205).

A compreensão de como os inovadores pensam e agem parece ser um caminho para compreender os princípios da inovação. Nessa linha de entender inovadores como líderes e catalisadores, Mirci e Hensley (2011) analisam a inovação pelo pensamento sistêmico. Segundo os pesquisadores, esses líderes agem sistematicamente e não burocraticamente. Conceber inovação como um processo dinâmico e complexo é acolher sua natureza não estanque.

Degraff e Degraff (2017) explicam que nós inovamos quando perturbamos o sistema. Eles partem de um sistema de identificação, compreensão e combinação das diferentes visões de mundo dominantes de pensadores e líderes criativos para delinear um código da inovação, ou seja, para definir a concepção do que é ser inovador. Isso não quer dizer que não haja nuances de inovação e que esse código é aceito como definitivo.

É comum diferenciar os tipos de inovação em pelo menos dois grandes grupos. Para Imber (2016), há a inovação disruptiva, revolucionário e de avanços com alto grau de novidade e de complexidade; ao passo que também há a inovação incremental, que envolve um risco mais baixo e uma dimensão menos revolucionária.

Em sua pesquisa sobre a universidade inovadora, Christensen e Eyring (2011) compararam a inovação incremental ou de sustentação com a inovação disruptiva. No primeiro caso, eles se referem a fazer algo maior ou melhor, por exemplo, universidades que ampliam suas ofertas de diferentes graduações. O segundo tipo de inovação perturba o ciclo do maior e do melhor ao trazer para o mercado um produto ou serviço, talvez não tão bom quanto as melhores ofertas tradicionais, mas que é mais acessível ou mais fácil de usar, como, por exemplo, a educação on-line.

Aos nos aproximarmos mais do cenário do estudo abordado neste capítulo, para um mapeamento de práticas inovadoras no contexto de internacionalização da Educação Superior das instituições públicas brasileiras, é importante considerar outro aspecto associado à temática da inovação: sua responsabilidade ética e inclusiva. Neste contexto, De Wit (2019) propõe a seguinte pergunta: “a internacionalização é um agente de mudança fundamental para a inovação e a responsabilidade social global do ensino superior?” Tal questionamento oferece uma perspectiva ao tema de inovação apresentado neste estudo. Para tanto, é importante conceber o que pode ser compreendido por inovação, e como esse conceito se relaciona com o processo de internacionalização.

1.2 Inovação e Internacionalização

Uma das pesquisadoras mais proeminentes no campo da internacionalização, a canadense Jane Knight, nos provoca a pensar na relação entre inovação e internacionalização a partir de uma de suas reflexões (2020, p. 81): “Fique atento, nos dias atuais, a única constante na educação internacional é a inovação”. Para a pesquisadora, “a inovação se refere à aplicação de resultados da pesquisa e conhecimentos novos para produzir mudanças e novas ideias” (p. 179). Como exemplos concretos, ela cita as redes internacionais de universidades, que têm emergido a partir de parcerias entre diferentes instituições, e os polos de conhecimento e inovação, em que colaboram instituições educacionais internacionais e locais, setores da economia e centros de pesquisa e empresas.

Em um caminho paralelo, Gulicheva et. al. (2017) pontuam que as universidades precisam adotar abordagens inovadoras que se alinhem à educação internacional para se garantirem em termos de competitividade. Mesmo que muitas universidades focalizam em seu processo de internacionalização para serem mais competitivas, há instituições que se dedicam à internacionalização para o desenvolvimento da aprendizagem de seus estudantes em termos de cidadania global, e esta talvez deva ser umas das principais razões para se buscar uma internacionalização efetiva.

Ser inovador parece mais simples no discurso do que é em ações concretas, talvez pelo receio das instituições de ensino de serem as primeiras, correndo riscos nem sempre desejáveis. Para Hudzik (2015, p. 81), "na frente organizacional, não haverá inovação e mudança a menos que a instituição sinalize receptividade e a menos que ela recompense aqueles que a tentarem". Aparentemente a recompensa pela coragem de inovar pode diminuir o medo dos riscos de se tentar.

Outra questão que se coloca, diz respeito a que tipo de inovação podemos alcançar na internacionalização. Primeiramente, conforme abordado, uma visão de internacionalização não centrada na mobilidade física. Nesta linha, Missere Mihas (2021) aponta que considerando que a internacionalização se tornou um componente importante dos planos estratégicos de muitas universidades, as universidades talvez queiram expandir os esforços para aumentar as iniciativas de IaH, com a criação de interações intencionais através de atividades extracurriculares para todos os estudantes, bem como de atividades co-curriculares. Nesta pesquisa, se considera que existe uma oportunidade de aumentar a compreensão dos estudantes nacionais e internacionais sobre questões globais e seu impacto nas sociedades em todo o mundo. Claramente a ótica da IaH se torna cada vez mais presente.

Mesmo que a implementação de ações inovadoras seja complexa, tanto por questões de resistência como de falta de preparo para mudanças, uma análise contextual permite afirmar que várias instituições têm feito iniciativas inovadoras, entre elas, colaboração entre equipes virtuais globais (Rauer et. al., 2021, p. 11), experiências interdisciplinares internacionais (Mejtoft; Crippos; Blöcker, 2021), e competições internacionais (Santos Jorge, 2018, p. 43).

Fica claro também que as possibilidades tecnológicas digitais adquirem cada vez maior destaque, pois como indicam Valtins; Tipans e Muracova (2020, p. 15), “se a tecnologia está fomentando a inovação, então devemos também avançar na forma como medimos e vemos a internacionalização, pois existem outros indicadores de internacionalização que estão diretamente ligados à tecnologia”.

O arcabouço teórico acerca do tema de inovação mobilizado nesta seção mostra uma infinidade de possibilidades que podem ser implementadas no cenário local e mundial. Cabe às instituições de Educação Superior a reflexão do que é possível e do que é desejável em cada contexto.

2. Metodologia

O contexto da pesquisa é a Educação Superior brasileira na contemporaneidade, no recorte da internacionalização, mais especificamente aos processos de internacionalização em casa nas IES públicas federais e estaduais. Essas instituições estão vinculadas a duas associações, sendo as instituições federais à Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior – ANDIFES², e as instituições estaduais à Associação Brasileira dos Reitores das Universidades Estaduais e Municipais – ABRUEM³. Essas associações foram parceiras nesta pesquisa, abrindo suas portas para que seus associados fossem convidados a responder ao questionário aplicado.

Foram convidados como participantes servidores, docentes e técnicos administrativos, vinculados ao escritório ou à diretoria de relações internacionais de todas as instituições membros da ANDIFES e da ABRUEM. Segundo informações nos sites das associações, a ANDIFES abriga 71 instituições e a ABRUEM 48, totalizando 119 instituições que poderiam cola-

² Para mais informações, acesse: <https://www.andifes.org.br/>.

³ Para mais informações, acesse: <http://abruem.org.br/>.

borar com a pesquisa. Desse total, 70 instituições, ou seja, 59% participaram da análise majoritariamente qualitativa que foi realizada. Em algumas instituições, mais de uma pessoa respondeu ao questionário (o número total de respondentes foi de 81 pessoas). 40 dessas instituições participantes são vinculadas à ANDIFES e 30 delas à ABRUEM. Dos 27 estados brasileiros, participantes de 23 estados responderam ao questionário, sendo que apenas quatro estados da região norte – Acre, Amapá, Rondônia e Tocantins não foram participantes.

Eles responderam a um questionário semiestruturado que incluiu 22 questões, sendo que as exploradas neste capítulo são aquelas presentes nas seções 05 e 06, respectivamente, “Estrutura Conceitual de Inovação”, e “Socialização de Práticas de ‘Internacionalização em Casa’ da Instituição”. Pôde-se desta forma analisar o ponto de vista dos maiores responsáveis pelo processo de internacionalização das IES.

Para que os respondentes estivessem esclarecidos da visão de inovação adotada para esta pesquisa, foi apresentada a eles a definição de Raffaelli e Glynn (2015): “uma mudança nova, útil e legítima que perturba em graus variados os pilares cognitivos, normativos ou reguladores de um campo organizacional”.

Além disso, para embasar as opiniões dos respondentes acerca do perfil de inovação de suas instituições, o trecho a seguir de Gibson (2015) foi apresentado no questionário para introduzir os quatro padrões de pensamento que o autor indica que podem ser considerados pilares para a inovação:

1. Desafiar convenções – Questionar crenças e suposições profundamente arraigadas e explorar respostas novas e altamente não-convencionais;
2. Aproveitar tendências – Reconhecer o potencial futuro e os desenvolvimentos emergentes e usar essas tendências para abrir novas oportunidades;
3. Alavancar recursos – Entender nossa capacidade ilimitada de reutilizar habilidades e bens de formas, em combinações ou em contextos diferentes;
4. Compreender necessidades – Prestar atenção aos problemas e frustrações que outros ignoraram e experimentar novas soluções para os problemas.

Para permitir um compartilhamento de propostas inovadoras de IaH, os respondentes tiveram um espaço aberto para inserir até 3 práticas de IaH que eles compreendessem como inovadoras em suas instituições. Para balizar as respostas, o texto a seguir foi postado no questionário:

Selecione até três práticas de ‘internacionalização em casa’ da sua instituição que podem ser compreendidas como práticas inovadoras e conte-nos um pouco sobre elas. Escreva sobre o tipo de atividade e seu objetivo. Por que pode ser considerada uma prática de ‘internacionalização em casa’? Por que pode ser considerada uma prática inovadora?

3. ANÁLISE

Esta seção apresenta uma análise de algumas das perguntas às quais os 81 respondentes reagiram. Uma delas pretendeu identificar o perfil de inovação institucional das IES participantes na ótica dos respondentes. A Figura 1 a seguir apresenta as respostas sistematizadas.

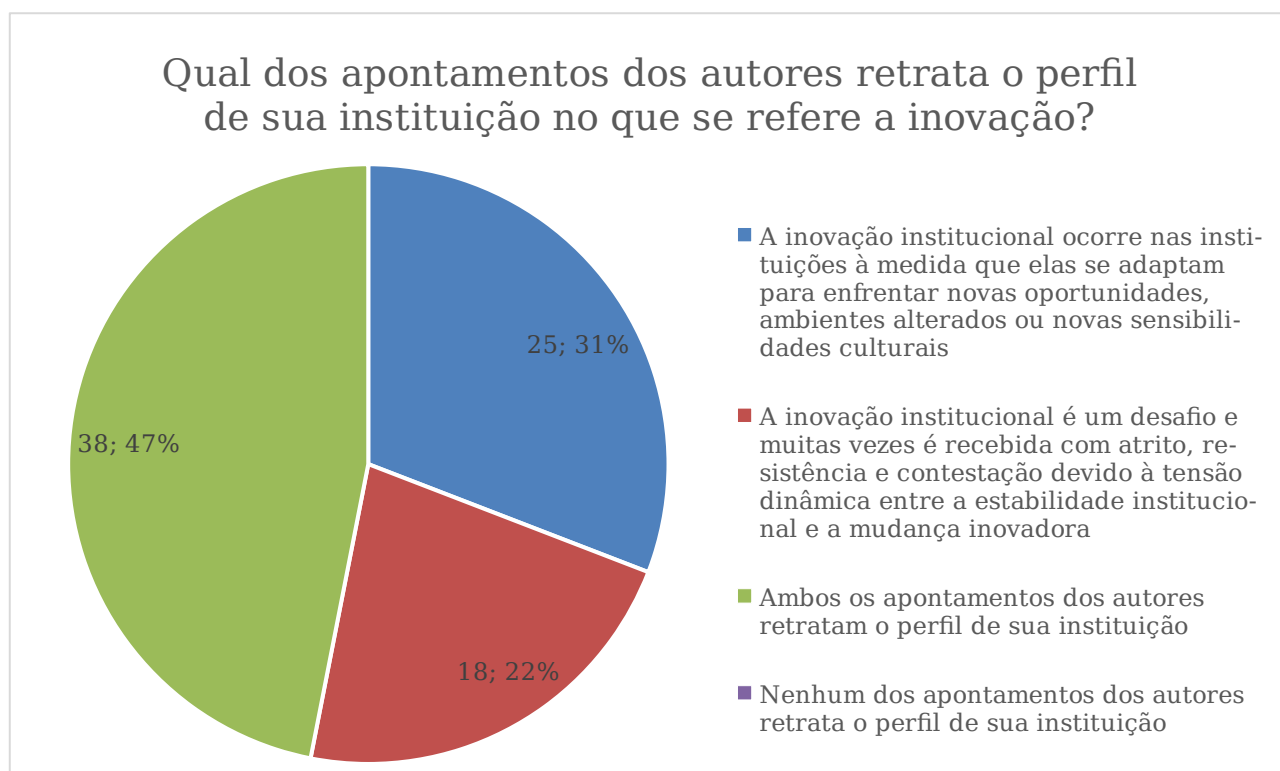


Figura 1: Perfil de inovação das instituições participantes

Fonte: Dos dados de pesquisa

A análise da Figura 1 indica que todos os respondentes assinalaram que dois dos apontamentos apresentados, ou pelo menos um deles, estavam condizentes com o perfil de inovação de suas instituições. 25 respondentes apontam para o perfil de inovação institucional

como adaptação para enfrentar novas oportunidades, ambientes alterados ou novas sensibilidades culturais, ao passo que 18 respondentes apontam para inovação institucional como desafio, recebido por vezes com resistência e contestação. 38 participantes alegam que ambos os apontamentos dos autores retratam o perfil de sua instituição.

Uma questão aberta com os seguintes dizeres foi apresentada para que os respondentes elaborassem suas opiniões de inovação institucional em relação com as concepções e as estratégias de IaH: Como você explicaria o perfil de sua instituição no que se refere a inovação em termos de 'internacionalização em casa'? Mesmo sendo uma questão opcional, 61 participantes da pesquisa utilizaram esse espaço para complementar suas perspectivas acerca da inovação institucional⁴.

O tema mais recorrente nas respostas é a dificuldade de se inovar nas práticas de IaH. Os respondentes apontam as dificuldades orçamentárias e a falta de fomento como barreiras que dificultam a implementação de propostas inovadoras de IaH. Ainda, como barreiras institucionais que limitam tais propostas, estão a falta de conhecimento das possibilidades de inovação na IaH, e a resistência às mudanças por parte de vários membros da comunidade acadêmica.

Outro tema que esteve presente, o do comprometimento e engajamento das instituições, demonstra que os respondentes entendem que membros da comunidade estão tentando inovar em termos de IaH, mesmo com as várias dificuldades apresentadas no contexto da Educação Superior brasileira.

Um terceiro tema que emerge dos dados, com uma recorrência menos frequente que os apontamentos de dificuldades e de comprometimento institucional, como apontado anteriormente, é o de trabalho em implementação.

Na Figura 2 se apresentam resultados associados a percepção dos respondentes em relação aos pilares de inovação propostos por Gibson (2015). As respostas indicam que as atividades de IaH das instituições participantes em maior destaque são, 'aproveitar tendências' (23 respostas nível 4), seguida de 'compreender necessidades' (21 respostas nível 4), 'desafiar convenções' (16 respostas nível 4) e 'alavancar recursos' (13 respostas nível 4).

⁴ Os comentários dos respondentes estão registrados no relatório de pós-doutorado intitulado "Conhecendo práticas inovadoras e educativas de 'internacionalização em casa' no contexto da Educação Superior brasileira", tramitado na Unesp e na UFU e disponível nos arquivos de ambas as instituições.

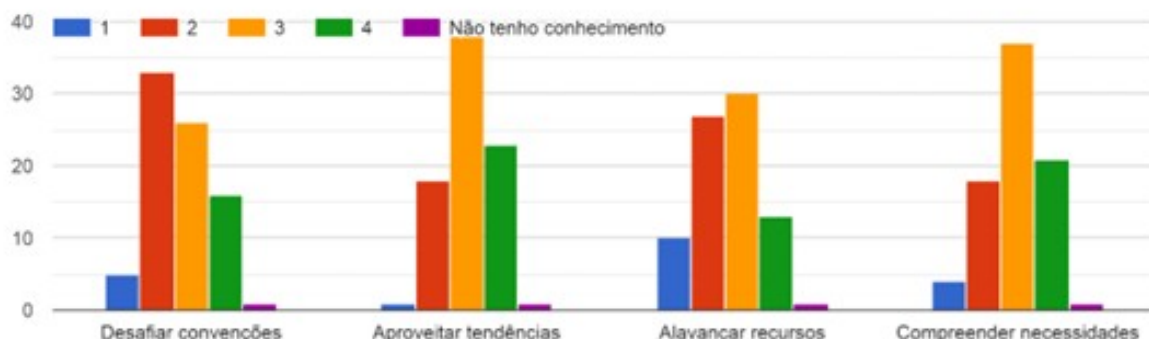


Figura 2: Padrões de pensamento que embasam propostas inovadoras de IaH

Fonte: Dos dados de pesquisa

Já em termos de importância atribuída a cada um dos padrões de pensamento, conforme se pode observar na Figura 3, os respondentes apontam para ‘compreender necessidades’ como o mais importante (71 respostas nível 4), seguido de ‘alavancar recursos’ (70 respostas nível 4), ‘aproveitar tendências’ (66 respostas nível 4) e ‘desafiar convenções’ (63 respostas nível 4).



Figura 3: Importância dos padrões de pensamento para as propostas inovadoras de IaH

Fonte: Dos dados de pesquisa

Em relação às respostas associadas a propostas inovadoras de IaH, 62 respondentes socializaram suas percepções. Contudo, algumas respostas indicavam que a pergunta não se aplicava à instituição e outras respostas apenas reiteravam informações oferecidas previamente-

te no questionário. Entre as respostas que indicaram práticas de IaH consideradas inovadoras, foi possível categorizar as práticas socializadas nos cinco temas recorrentes que são descritos na sequência.

A maior recorrência na socialização de propostas foi a utilização de ferramentas do ambiente virtual para atividades de IaH. Segundo os respondentes, as instituições públicas brasileiras de Educação Superior têm aproveitado os recursos da Internet para ações de mobilidade e de intercâmbio virtual (COIL, BraVE, Destino Brasil ANDIFES, dentre outros) e para ampliar a visibilidade das instituições e das ações sendo desenvolvidas localmente.

Um segundo tema altamente recorrente na socialização de ações inovadoras de IaH tem relação com a preparação linguística da comunidade acadêmica para uso de línguas estrangeiras. Os respondentes informam que há um engajamento em ações que visam a preparação de docentes, de discentes, de técnicos administrativos e de toda a comunidade acadêmica para serem capazes de oferecer ou de cursar disciplinas em língua estrangeira, especialmente em inglês e em segundo lugar em espanhol.

Um terceiro tema que emerge na análise dos dados, que se mostra muito relevante no campo de IaH, é a melhoria da estrutura organizacional interna da instituição para apoio de atividades de internacionalização. Essas melhorias abarcam tanto ações de tradução de documentos para maior acesso da população internacional como os sistemas de dados e de gerenciamento internos. Os documentos institucionais e as políticas internas podem ampliar ou limitar as ações de internacionalização e, por isso, devem ser alvo de inovação. O engajamento de diferentes atores no processo de internacionalização se mostra algo necessário também.

Um quarto tema que emerge na análise dos dados se refere às ações de acolhimento de visitantes internacionais. Há um destaque para os programas de apadrinhamento de estudantes internacionais e eventos que promovem o protagonismo desses estudantes. Ademais, a oferta de formação dos estudantes internacionais para utilização da língua portuguesa mostra-se recorrente, de acordo com os respondentes da pesquisa.

Um quinto tema que emerge na análise dos dados se refere ao fomento de ações inclusivas e decoloniais. Os respondentes apontam que a implementação de ações que valorizam a relação Sul-Sul, seja considerando os países de língua portuguesa, países africanos ou países da América do Sul e Caribe, tem ganhado espaço dentre as atividades de IaH. A valorização de demandas e especificidades locais também ganha destaque nas respostas. Ainda, a divulga-

ção ampla de oportunidades, em uma busca por incluir todos os membros da comunidade acadêmica é mencionada pelos respondentes.

Por fim, foi aberto um espaço para que os respondentes utilizassem caso acreditassem não haver prática de 'internacionalização em casa' considerada inovadora em sua instituição e quisessem comentar. Dois respondentes aproveitaram o espaço para reforçar que suas instituições ainda não tinham um plano de IaH implementado. Os dois outros apontamentos feitos a partir do espaço aberto para considerações finais indicavam que “Não existia prática de 'internacionalização em casa' considerada inovadora na instituição” e que “Faz-se necessário ampliar o espaço de discussão sobre a implementação de práticas inovadoras de IaH”. Além disso, também ficou clara a falta de fomento e de apoio financeiro para as instituições públicas brasileiras de Educação superior limita o engajamento de muitas instituições para fomentar ações inovadoras de IaH.

A análise das respostas permite afirmar que é importante que o que já vem sendo feito nas instituições brasileiras seja amplamente divulgado, especialmente entre as próprias instituições, para que encontrem possíveis caminhos para seus processos de internacionalização e suas práticas de IaH. O apontamento de Hudzik (2015, p. 110) de que “mais pesquisas sobre questões identificadas sob as ‘lentes’ dos *stakeholders* seriam úteis para construir um corpo de conhecimentos sobre os resultados da internacionalização das instituições de ensino superior” é certamente pertinente. A partir de informações advindas desse tipo de pesquisa, as instituições podem ficar mais informadas para a tomada de decisões institucionais e no processo de construção de políticas institucionais de internacionalização. Esse estudo é um início, mas outras iniciativas devem se somar a essa, se quisermos ampliar a visibilidade da IaH no Brasil.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta seção se apresenta algumas considerações gerais sobre as respostas ao questionário semiestruturado ao qual foram submetidos os respondentes e que incluiu questões relacionadas às concepções institucionais acerca de inovação e a práticas inovadoras de internacionalização em casa.

No que se refere à inovação no ambiente institucional, os participantes da pesquisa perceberam a relevância da inovação na internacionalização para suas instituições, mesmo com os percalços encontrados no caminho. O tema mais recorrente nas respostas espontâneas foi a dificuldade de se inovar nas práticas de internacionalização em casa. Ao passo que as

respostas demonstram as dificuldades, há uma recorrência de apontamentos que sublinham o comprometimento das instituições com essa pauta, a partir de propostas inovadoras. Outro tema que emergiu dos dados sobre inovação institucional, foi o de trabalho em implementação. Alguns respondentes indicam que suas instituições, especialmente por serem jovens, ainda estavam implementando suas políticas e suas ações de internacionalização em casa.

Ao serem indagados sobre práticas inovadoras de internacionalização em casa que gostariam de socializar, os respondentes indicaram como temas recorrentes, (1) o emprego de ferramentas do ambiente virtual, (2) formação da comunidade acadêmica para uso de línguas estrangeiras; (3) questões de estrutura organizacional interna da instituição em prol da internacionalização; (4) o acolhimento de visitantes internacionais; e (5) a promoção de ações inclusivas e decoloniais.

Foi possível, ainda, avaliar como essas práticas inovadoras estão aninhadas em um contexto mais amplo do processo de internacionalização. Em primeiro lugar, destaca-se que mesmo com as limitações impostas pela burocracia e pela falta de apoio governamental, as IES públicas brasileiras encontram nichos de possibilidade. Em segundo lugar, se pode notar a influência do contexto digital para propiciar inovação nas propostas de atividades de IaH, mais marcadamente após a força disruptiva da pandemia da Covid-19. Em terceiro lugar, pode-se destacar a importância de considerar o contexto social local e global de cidadania, que inclui uma perspectiva de inclusão, de decolonialidade, de plurilinguismo e de multiculturalidade.

Pode-se afirmar também, que as propostas inovadoras socializadas por participantes vinculados a instituições espalhadas por todo o Brasil, em todas as regiões, são criativas, interessantes e relevantes para o processo de internacionalização. Mesmo podendo ser consideradas ótimas práticas, cabe aqui uma reflexão se deveriam ser rotuladas como melhores práticas, o que é muito relativo quando mapeamos atividades de IaH em um país tão diverso.

Para concluir, nos valem novamente de Hudzik (2015, p. 110) em sua defesa sobre a importância de valorizar o que foi aprendido com o estudo no contexto maior de internacionalização abrangente ou estratégica, para que seu impacto holístico sobre as instituições gere um resultado muito benéfico. Essa iniciativa certamente não pode se restringir ao estudo apresentado neste capítulo. As práticas inovadoras de IaH devem ganhar cada vez mais destaque em publicações de artigos, de matérias jornalísticas, e de vídeos a serem compartilhados em redes soci-

ais. Certamente as histórias socializadas de maneira breve e resumida em resposta a um questionário devem ser narrativas conhecidas mais detalhadamente.

Conflito de Interesse

Os autores não têm conflitos de interesse a declarar.

Link para *Preprint*

Os manuscritos submetidos a *CadLin* devem ser previamente depositados em um [servidor de *preprint*](#) que suporte comentários públicos. O DOI do *preprint* para deve ser fornecido nesta seção.

Protocolo e Pré-Registro de Pesquisa

Confirmamos a avaliação dos roteiros da Equator Network e nenhum dos roteiros é relevante para o trabalho. A pesquisa conduzida não foi pré-registrada em repositório institucional independente.

Declaração de Disponibilidade de Dados (obrigatório)

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo está disponível mediante solicitação ao autor correspondente: Valeska Virgínia Soares Souza. O motivo da restrição é que mesmo que os respondentes estejam anonimizados nas respostas ao questionário aplicado, as instituições às quais os respondentes estão vinculados não estão anonimizadas, por se tratar de um mapeamento. Como os escritórios de internacionalização, foco da pesquisa, podem ter poucos servidores, a divulgação ampla dos nomes dessas instituições pode gerar possível identificação de algum dos participantes.

Ética

A pesquisa envolveu seres humanos e por isso passou pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Uberlândia, cujo número de aprovação é CAAE: 39363120.5.0000.5152. Todos/as os/as participantes do estudo concordaram participar da pesquisa e registraram seus aceites mediante suas assinaturas em um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Referências:

- BARANZELI, C. Modelo de internacionalização em casa – IaH. In: MOROSINI, M. (Org.). **Interfaces da Educação a Distância na Internacionalização em casa**. 2019. p. 187-201. ISBN 978-85-397-1305-9.
- BEELEN, J.; JONES, E. Redefining internationalization at home. In: CURAJ, A et. al. (Ed.) **The European Higher Education Area**, 2015. p. 59-73.
- BUCKNER, E.; STEIN, S. What counts as internationalization? Deconstructing the internationalization imperative. **Journal of Studies in International Education**, v. 24, n. 2, 2020. p. 151-166.
- CHRISTENSEN, C. M.; EYRING, H. J. **The innovative university**: changing the DNA of higher education from the inside out. San Francisco: Jossey-Bass, 2011.
- DEGRAFF, J.; DEGRAFF, S. **The innovation code**: the creative power of constructive conflict. Oakland: Berrett-Koehler Publishers, 2017.
- DE WIT, H. Internationalisation in higher education, a critical review. **Simon Fraser University Educational Review**, v. 12, n. 3, Fall 2019. p. 9-17.
- FILIPPETTI, A.; FRENZ, M.; GILLES, G. I. Are innovation and internationalization related? An analysis of European countries. **Industry and Innovation**, v. 18, n. 5, 2011. p. 437-459.
- GIBSON, R. **The 4 lenses of innovation**: a powerful tool for creative thinking. New Jersey: Wiley, 2015.
- GOMES, M. R. O.; GUERRA, T. Políticas de integração e cooperação técnica das instituições de ensino superior – perspectiva UNESCO. In: GOROVITZ, S.; UNTERBÄUMEN, E. H. (Org.) **Políticas e tendências de internacionalização no ensino superior no Brasil**. Brasília (DF): Editora UNB, 2018. (p. 31-44)
- GULICHEVA, E.; LISIN, E.; OSIPOVA, M.; KHABDULLIN, A. Leading factors in the formation of innovative education environment. **Journal of International Studies**, v. 10, n. 2, 2017. p. 129-137.
- HUDZIK, J. K. **Comprehensive internationalization**: institutional pathways to success. Oxon; New York: Routledge, 2015.
- IMBER, A. **The innovation formula**: the 14 science-based keys for creating a culture where innovation thrives. Melbourne: Wiley, 2016.

KNIGHT, J. **Internacionalização da educação superior: conceitos, tendências e desafios**. 2 ed. E-book. São Leopoldo: Oikos Editora, 2020. 221 p.

MERJTOFT, T.; CRIPPS, H.; BLÖCKER, C. Internationalization at home: an international interdisciplinary experience. Proceedings 8:e Utvecklingskonferensen för Sveriges ingenjör-utbildningar, Karlstads universitet, 2021.

MIRCI, P. S.; HENSLEY, P. A. Leading for innovative practice: melding theories of organizational change, adult learning and conditions of learning. **CAPEA Education Leadership and administration**, v. 22, 2011. p. 9-30.

MISSERE MIHAS, T. Intercultural Encounters: creating purposeful interactions between domestic and international students. **The Organizational Improvement Plan at Western University**, 2021. 129 p.

RAFFAELI, R.; GLYNN, M. A. Institutional Innovation: novel, useful and legitimate. In: SHALLEY, C. E.; HITT, M. A.; ZHOU, J. (Ed.) **The Oxford Handbook of Creativity, Innovation and Entrepreneurship**. Oxford: Oxford University Press, 2015. p. 407-420.

RAUERM J. N.; KROISS, M.; KRYVINSKA, N.; NOVITZKI, C. E.; ABURAIA, M. Cross-university virtual teamwork as a means of internationalization at home. **The International Journal of Management Education**, v. 19, 2021. p. 1-13.

SANTOS, G. M. T.; REIS, J. P. C. COVID-19 e internacionalização em casa: potencialidades para o proces de ensino-aprendizagem na Educação Superior. **Boletim de Conjunturas**, v. 4, n. 11, 2020. p. 19-27.

SANTOS JORGE, M. L. Internacionalização em casa e educação para a cidadania global: primeiras aproximações. In: VIANA, R. S.; LARANJEIRA, D. A. (Org.). **Internacionalização do Ensino Superior: concepções e experiências**. BH: Editora UEMG, 2018.

VALTINS, K.; TIPANS, I.; MURACOVA, M. Technology enhanced internationalization in higher education, non-traditional indicators. **Journal of Information Technology Management**, v. 12, n. 3, 2020. p. 14-25.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.